

As pregações de Antônio Conselheiro: entre as missões dos jesuítas e a formação cristã popular

*Antônio Conselheiro's preachings:
between the Jesuitic missions and
popular Christian formation*

Maria Juraci Maia Cavalcante*
Universidade Federal do Ceará

Rosemberg Cariry**
Universidade do Porto

* Maria Juraci Maia Cavalcante possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1978), Especialização em Políticas Sociais pelo CETREDE/UFC (1979), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1986) e Doutorado em Ciências Econômicas e Sociais na Carl von Ossietzky Universitaet - Oldenburger Universitaet/Alemanha (1995), Pós-Doutorado em Política Educacional (1999); e em História Educacional de Portugal, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade de Lisboa (2006/2007). Investigadora, Docente e Orientadora efetiva da LHEC/FACED/UFC. Bolsista Produtividade CNPq.
E-mail: juracimaiacavalcante@gmail.com

** Antônio Rosemberg de Moura tem Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, Brasil (1982). Concebeu o projeto e foi Presidente da Escola de Saberes de Barbalha (2016-2017). Atualmente, é Doutorando da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/Portugal.
E-mail: cariri.filmes@uol.com.br



<http://dx.doi.org/10.13102/lm.v%09i%01.4541>

Resumo: Este artigo começa por pensar o significado das pregações na história do cristianismo e quer entender como chegam tais ensinamentos aos cristãos que são seguidores imersos numa fé inabalável, que nada a mais pergunta, porque se trata de uma fé fundada na paixão, como a de Antônio Conselheiro, de Canudos. Tem por base uma recolha bibliográfica, que situa algumas influências recebidas por este personagem histórico, que, para além de sua historicidade, envolve um protagonismo por demais investigado, ligado a um desses monumentais acontecimentos, que nos interessa por seus enigmas e sombras, por colocar em xeque o sentido político e social da república brasileira.

Palavras-chave: Fé; Cristianismo; Canudos; República.

Abstract: This article begins by thinking about the meaning of preaching in the history of Christianity and wants to understand how these teachings come to Christians who are followers immersed in an unshakable faith that asks nothing more because it is a faith founded on passion, like that of Antonio Counselor, from Canudos. It is based on a bibliographical collection, which places some influences received by this historical person who, in addition to its historicity, involves a protagonism investigated, linked to one of those monumental events, that interests us by its puzzles and shadows, to put in check the political and social sense of the Brazilian republic.

Keywords: Faith; Christianity; Canudos; Republic.

*Recebido em dezembro de 2018
Aprovado em março de 2019*

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; MOURA, Antônio Rosemberg de. As pregações de Antônio Conselheiro: entre as missões dos jesuítas e a formação cristã popular. *Légua & Meia*, Brasil, n. 09, v. 1, p. 82-96, 2018.

Introdução

Percorrendo os estudos já publicados, examinando as diversas tentativas de decifrar esse fenômeno, seja no campo da história, economia, sociologia, ciência política, antropologia, literatura e cinema, fica claro que quase tudo já foi dito, esquadrinhado e pensado. Tanta coisa já temos reunida e escrita. Em meio ao emaranhado de discursos e olhares diversos, percebe-se muita repetição e especulação com vistas à inovação, ao lado de crescente sofisticação analítica. Quem se arvora em entrar nessa seara de grandes testemunhos, matérias de jornalistas, ensaios de mestres e especialistas, que se dedicam há mais de um século a decifrar o Conselheiro e a sua Canudos, corre o risco de copiá-los, compilar e repetir ingenuamente suas revelações e descobertas.

A leitura de algumas dessas obras nos atraiu quando, bem jovens, éramos alunos, respectivamente, de Ciências Sociais da UFC e de Filosofia, na FAFIFOR. Não vamos nos reportar a elas, nem ousar listá-las, porque o tempo urge e os que estão aqui reunidos são peritos nessa temática. Importa apenas dizer que o nosso interesse por Canudos está colado a essa formação humanística e artística, no interior da qual veio o desafio de entender o Brasil como nação e as suas diferenciações internas, as suas raízes coloniais multiculturais e os seus marcos fundacionais, a sua formação política, o seu pensamento social e as influências recebidas da filosofia, artes e ciência europeia.

Por tudo isso, escolhemos seguir por uma trilha pouco usada, depois de tantos estudos vigorosos em amplitude e acerto analítico, que nos permita divagar sobre o significado histórico teológico da pregação e formação cristã para mergulhar um pouco no imaginário popular sertanejo daquele Brasil do século XIX, que vive a mudança de regime de trabalho e político, substituindo, escravos por imigrantes europeus livres; de regime político, passando do mando de um imperador de linhagem portuguesa para um general brasileiro retornado da Guerra do Paraguai, por meio de um golpe militar que proclama a república do alto.

Tudo se deu no cenário paradoxal e ambivalente das últimas décadas do século XIX, infestado de incertezas e medos, pois o Brasil de então, como bem o caracteriza Frederico Pernambucano de Mello, vive a oscilar:

Entre a paz e a guerra, o campo e a cidade, a lavoura e a indústria, o fisiocratismo e o monetarismo, a igreja cabocla e a universal, a casa-grande e o sobrado, a senzala e o mocambo, o governo civil e o militar, a modernidade litorânea e o arcaísmo sertanejo, o Exército e a Marinha, a Europa e os Estados Unidos, o país chega a 1897, com o povo sofrido pelas lutas entre irmãos, descrente das instituições, sobretudo as de governo, mas ainda disposto a ir à rua por ideais. (MELLO, 2014, p. 62)

Queremos fazer isso com muita humildade, sem repisar a sua vida, a não ser minimamente, por ser a biografia do Conselheiro parte inseparável do complexo acontecimento da construção e destruição de Canudos; sem buscar contrapor a visão euclidiana, pós-euclidiana, marxista ou literária de Conselheiro e Canudos. Afinal, muito temos aprendido com todos esses estudos, inscritos em livros e filmes, que somados em qualidade e quantidade nos deixam cada vez mais perplexos e convencidos da impossibilidade de dizer qualquer coisa definitiva sobre esse fenômeno social. No final dos anos 1980, a própria historiografia sobre o assunto era dividida em fases distintas.

[...] A primeira, que vai de 1874 a 1902, desde o surgimento, no centro das Províncias da Bahia e de Sergipe, do peregrino cearense, até a publicação do trabalho de Euclides da Cunha; a segunda, da hegemonia euclidiana, que se estende à década de 1950; a terceira e última,

quando se iniciou uma revisão do assunto com pesquisas esclarecedoras, à luz de modernas contribuições de feição histórica e sociológica. (SAMPAIO NETO et alii, 1986, p.01)

Mais três décadas se passaram, sendo Canudos e Conselheiro alvo de inúmeras empreitadas de estudo e publicações, além de colóquios e atos de celebração. Exatamente por essa razão é que estamos aqui hoje. Para tratar do nosso sempre aberto desejo de entender o Conselheiro e Canudos, a medida que o tempo nos distancia cada vez mais daqueles acontecimentos e a República brasileira se afasta em grande velocidade da possibilidade de realizar a promessa de igualdade, fraternidade e justiça do copiado ideal republicano estadunidense e francês, e consolida o seu ideal de ordenamento e progresso empunhado pela elite, que a proclamou à revelia da maior parcela da sociedade brasileira.

No fundo, Canudos e seu fundador continuam a arguir esta República para poucos. O Conselheiro vive a desafiá-la e a denunciar suas atrocidades, equívocos e instinto destrutivo, o seu horror a tudo que cheire a arranjo comunitário. Nesse sentido, a curiosidade sobre ele e sua cidade comunitária só tem crescido. Pensamos ser isto que nos traz atraído mais nesse debate. Para nós, é um privilégio poder tomar parte neste importante colóquio, em momento tão grave da história do Brasil.

A Pregação Cristã: dos primeiros apóstolos aos santos e cruzados medievais

O significado da Pregação na história do cristianismo envolve uma construção de dois milênios. O seu começo tem inscrição na ação dos primeiros divulgadores da palavra de Jesus Cristo, que são seus seguidores e acreditam ser ele a encarnação e desencarnação de Deus. Tanto fizeram que seus depoimentos construíram um evangelho novo, que registra o que testemunharam e ouviram, o que aprenderam e conseguiram sistematizar em doutrina para a construção de um outro mundo.

[...]Com efeito, o modelo fornecido por Jesus, de um apelo à confiança radical em Deus à luz do reino vindouro, já havia rompido velhos moldes e foi retomado pelos primeiros crentes no Jesus ressurreto em sua pregação inicial em Jerusalém e na Judeia. Porém, foi esse senso da incumbência de converter os outros, de ganhar adeptos para o movimento, vindos de muito além das fronteiras do judaísmo do Segundo Templo, mediante a convocação para crerem no Cristo de Israel, que conferiu à compreensão cristã de “apóstolo” seu caráter distintivo.” (DUNN, 2017, p.177)

Como Jesus, eles tomam a palavra, fazendo dela meio de transformação. Acreditam ser a palavra de Cristo uma arma dessa luta. Que suas lições e mensagens conteriam um novo programa de vida social, capaz de corrigir as mazelas de um tempo enredado em ambições imperiais, escravagismo, dominação e humilhação de povos e gentios. Levada aos quatro cantos do mundo, poderia essa sabedoria ser capaz de redimir os humanos dos seus vícios e sofrimentos

As formas de discurso oral usadas com maior frequência por Jesus como professor eram os aforismos e as parábolas. Aforismos são frases curtas e marcantes, que causam um grande impacto. Já as parábolas, como muitos sabem, são histórias curtas. (...) Os aforismos de Jesus, que somam mais de cem, são a cristalização de percepções que nos convidam a um aprofundamento. “Nenhum servo pode servir a dois senhores” (...). ”Se um cego conduz a outro, tombarão ambos na mesma vala”, “Deixa que os mortos enterrem seus mortos”, “Filtrais um mosquito e engolis um camelo” – todas frases curtas e provocativas, que significam mais do que parecem e convidam a quem escuta para ver algo que, de outra forma, não enxergariam.” (BORG, 2017, p.81)

Não vamos aqui nos embarçar nos fios de dois mil anos de percurso, pois apenas queremos chamar atenção para o enraizamento da pregação cristã numa história de longa duração. No fundo, se trata de construir um novo império, mas que seria em tudo diferente do romano que Cristo confrontara.

Assim, antes de se fazer uma religião ligada ao livro antigo, o Cristianismo se fez palavra nova. Uma religião de pregadores, de homens falantes, dispostos a ser andarilhos, que querem levar a palavra de Cristo a todos os que não puderam ouvi-lo. Para que esta não ficasse restrita ao tempo histórico da vida, paixão e morte de Jesus Cristo. Por acreditar na sua força e poder de reconstrução do mundo, já que o reino posto estava mergulhado em guerras e prisioneiros escravizados, em cobrança de impostos e severos castigos, em submissão de inúmeros povos a uma despótica elite romana, que a todos subordina ao seu modo de vida e modelo de sociedade. A fé em Cristo implica, pois, em falar dos seus ditos e ações em prol do anúncio de um novo tempo, comunicar a sua história, espalhar os seus milagres, descrever os dolorosos capítulos do seu calvário por se opor ao império romano, propagar que Cristo tudo fez com o altruístico fim da nossa salvação.

Levar a palavra de Cristo quer dizer salvar a quem nela acredita, livrá-la das tentações e pecados do mundo dominado por injustiça e escravidão, abusos de poder e violência, ambição material e prazeres da carne. Um mundo sem outra promessa que não a da matéria, em que o espírito é ocupado com o estudo de leis e regulamentos de um império que desfaz legados e tradições, que não sejam aquelas que o fundamentam. Onde os destituídos de riqueza e poder têm senhores a quem devem servir e entreter para satisfazer a seus vícios e desumanidades.

Serão séculos de pregadores e pregações no Oriente do meio, lugar em que viveu e foi crucificado Jesus, de onde desapareceu seu corpo, segundo a tradição oral e escrita, e viram-no subir aos céus no facho de luz da sua impressionante ressurreição. Os seus propagadores caminham como ele, frequentam templos, submetem a sua palavra a debates entre sábios e pagãos. Não teria o Cristianismo se erguido em religião não fosse essa ação de pregação. Porque foi ela que fez outro livro. O livro do anúncio da boa nova, que depois seria levado ao ocidente e ao oriente mais extremos, cruzaria o globo de norte a sul, e sobreviveria por milênios.

Até que palavra e livro se ajuntam e criam a necessidade de ocupação daqueles lugares sagrados por onde passou Jesus Cristo, que abre espaço para a formação de exércitos e disputas por territórios. O que foram as ditas “santas cruzadas” senão isto? Ocidentalizada a palavra, multiplicado o livro em manuscritos a circular entre clérigos pregadores, queriam os cristãos da Europa ocidental tomar e guardar os lugares santos do oriente médio como seus domínios. Os pregadores medievais criam ímpetos de uma guerra santa e de conquista de terras, cidades e povos. Querem lutar contra os mouros, sobrepor o cristianismo à religião islâmica. A cultura cristã vai sofrendo acréscimos e se transforma pouco a pouco. Admitem os cristãos medievais, que não basta a palavra e os pregadores. A ampliação da fé em Cristo requer outras estratégias de ação e propagação, que envolvem o militarismo.

Questões teológicas têm ocupado os estudiosos do Cristianismo em busca do Jesus histórico, para conferir a autenticidade da palavra a ele atribuída por seus seguidores e intérpretes. Fazem perguntas sérias em relação ao “hiato que separa Jesus de Paulo” porque o evangelho segundo Paulo apresenta a palavra de Jesus de maneira distinta, que o separa do judaísmo de onde é originário como profeta.

Como já foi indicado, não resta dúvida de que Jesus proclamou o Reino de Deus, o governo de Deus como rei. Isso já foi por si distintivo dentro do judaísmo do seu tempo. É claro que, para os contemporâneos judeus de Jesus, a imagem de Deus como rei e do Reino de Deus era familiares. Porém, nas escrituras e nos escritos pós-bíblicos do judaísmo do Segundo Templo, a expressão “o Reino de Deus” quase não é atestada, e o tema da realeza de Deus não é especialmente destacado. Assim, o foco de Jesus no Reino de Deus foi distintivo por si só. Porém, os traços realmente distintivos da sua mensagem foram três [...] (DUNN, 2017, p. 132)

O autor prossegue, dizendo que tais diferenças seriam: a) Jesus ensinou que o governo de Deus como rei já estava sendo experimentado, no e através do seu próprio ministério; b) A Boa-nova que trouxe para pecadores; Jesus é recordado por afirmar: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores (Marcos); c) Boa-nova dirigida aos pobres. Já para Paulo, segundo o citado autor: a) ele destaca não o reino dos judeus, mas a morte de Cristo e sua ressurreição como caminho para o juízo final e a salvação; b) a Boa-nova que Jesus traz não se volta para os judeus e sim para os pagãos; c) Enfatiza a obrigação de ajudar os pobres. Em Paulo, a noção de Reino de Deus é jogada para o futuro, por ser algo que ainda está por vir. (Idem)

A discussão posta nos interessa nesta reflexão, porque evidencia uma tensão entre a palavra de Jesus Cristo e os pregadores da sua palavra. Se ela existe, é esperado que cristãos de todas as épocas que tiveram acesso ao evangelho escrito se depararam com dúvidas e interpretaram os textos que liam segundo as suas necessidades. A palavra escrita e a palavra pregada, a palavra falada e a palavra ouvida. O Reino de Deus está acontecendo ou ainda está por vir? Como chegar até ele, deve ser aguardado, pacientemente, ou pode ser construído no presente? Estas são questões que ocuparam, certamente, Ibiapina e Conselheiro, como fiéis seguidores de Cristo. A pregação da palavra se faz no tempo e atende às necessidades de entendimento historicamente situadas e respondem a necessidades urgentes. A urgência pelo Reino de Deus pode levar cristãos a edificar a cidade de deus aqui na terra.

As Missões modernas no Oriente e Américas: os Jesuítas

O século XVI demarca um tempo novo, na Europa, de navegações, ambições comerciais e saques, redefinições cristãs, de cismas e divisões, de crise da Igreja católica e necessidade de sua atualização. A criação da Companhia de Jesus é um marco dessa mudança e mostra o advento de uma “corporação de pregadores soldados”, que irão pelo mundo levar a palavra de Cristo a lugares nunca antes imaginados, porque agora o mundo era muito maior do que o da época medieval.

Vasculhando a historiografia sobre a expansão jesuítica afora e dentro da Europa, a exemplo de William Bangert (1985), Jean Lacouture (1993), Rita Raub (2007) e Isabel Pina (2011), encontramos indicações variadas sobre tais experiências dos Jesuítas com outros povos e línguas, culturas e religiosidades, que mostram o surgimento de outras indagações de cunho teológico, etnográfico e biológico; bem como assinalam a substituição da ideia de catequese e conquista como método missionário de imposição de um princípio civilizacional pela cooperação entre princípios do que resultou, no plano da pedagogia cristã, na noção de conversões por persuasão e intercâmbio.

A missão é portadora de um anúncio, uma boa nova, a palavra do Evangelho, a notícia de Cristo e da sua promessa de ser o redentor da humanidade. Tem, portanto, uma origem apostólica, profética e bíblica, à qual agregou o espírito cruzado e navegante.

A missão de Francisco Xavier na Índia, Japão e China é considerada por alguns historiadores como emblemática da abertura para a mudança de paradigma dessa ação pregadora, assim como será a de Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e António Vieira, no Brasil do século XVI e XVII, orientada por reconhecidas dificuldades de aproximação com povos nativos, conforme registros deixados em cartas trocadas com seus superiores em Roma, cientes, portanto, dos desafios culturais enfrentados por suas missões, na chamada expansão europeia.

Essas experiências estão narradas em cartas e testemunhos, desde os primeiros jesuítas enviados em missões ao Oriente a e ao chamado Novo mundo. Com base nessas narrativas, ficamos diante de outros entendimentos sobre a ação jesuítica, que revelam as diferentes estratégias usadas para o projeto de cristianização dos povos, como assinala Jorge Couto (2000, p. 65), recomendando a seguinte classificação: 1) conversão pelo amor; 2) conversão pelo jugo de Cristo; 3) conversão por redução.

Alguns Missionários no Brasil colonial e suas estratégias de pregação: (século XVI a XVIII)

No Brasil, os Jesuítas viveriam outros desafios para as suas pregações, que os distanciariam da ideia de “conversão por amor”, que recomendava “aprender a língua e os códigos culturais dos nativos, sabendo os missionários que para os colonos em terras brasileiras, os índios deviam ser não apenas escravizados, mas considerados não humanos.” (COUTO, 2000, p. 65) Essa estratégia, segundo o citado autor, trazia a ideia conjugada de utilização de intérpretes, encantamento pelo canto e aproximação com as crianças, delineando o método missionário inicialmente. No convívio mais estreito com hábitos e costumes indígenas, teria vindo depois, a segunda estratégia, calcada na noção de conversão por “jugo de Cristo”, conforme enuncia “já em finais de março de 1555, o irmão José de Anchieta, em missiva dirigida ao Geral da Companhia, Inácio de Loiola (...)” (Idem, 2000, p.76).

Tratava-se, para este autor, da proposição de “promulgação de uma lei dirigida aos nativos, proibindo-os de comer carne humana, guerrear sem licença do governador, ter mais de uma mulher, andar sem roupa; dizia ainda da necessidade de eliminar os pajés como autoridade religiosa, criar aldeamentos e proibir o nomadismo, substituindo-o pela prática agrícola” (Idem, p. 77). Tal lei foi calcada em entendimento sobre valores e práticas culturais característicos dos povos indígenas com que estabeleceram contato, os quais ofereciam empecilhos que os Jesuítas julgavam impedir a aceitação do modelo moral e religioso que pretendiam inculcar via catequese.

A terceira estratégia surge no século XVII e tem por fundamento o princípio da “conversão por redução”, em face de “epidemias desastrosas e pressões dos colonos para acesso à mão de obra dos aldeamentos” (Idem, p. 81). Nela vai sendo desenhada uma atitude de radicalização da rejeição às práticas de escravização indígena e de opção por um isolamento espacial das missões, que viria a ter depois consequências adversas aos missionários, porque levavam à criação de ambientes urbanos e comunitários.

As três estratégias indicam que o método usado nas missões vai sendo adaptado no interior da experiência e que o seu uso ou aplicação envolve entendimentos, confrontos e conflitos variados com índios, colonos, coroa portuguesa e distintas congregações religiosas.

Os missionários jesuítas cruzam o Brasil de norte a sul, leste a oeste, instalando colégios, residências e aldeamentos, visitando fazendas e cidades interioranas, distantes

do litoral, entre os séculos XVI e meados do XVIII, momento em que serão expulsos de Portugal e colônias, no reinado de D. José e do seu ministro, o Marquês de Pombal.

Tratando das missões dos Jesuítas no Recôncavo da Bahia por engenhos e fazendas, Serafim Leite fala delas como “forma prática de pregação”. Cada visita que faziam às localidades por onde passavam tinham esse feitiço missionário, ação que era facilitada pela cartografia dos aldeamentos que os jesuítas criaram para cristianização dos povos indígenas, de onde partiam para fazendas e engenhos, como agentes da conquista de novos cristãos e/ou resgate de cristãos perdidos. O historiador citado assinala que “a Bahia era a “capital das missões”, de onde os padres partiam para São Vicente, Pernambuco, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, etc.” (LEITE, 2004, p. 318).

O que terá sido guardado dessa “cultura missionária” no Brasil, quando se sabe que os Jesuítas ficarão afastados daqui e da Europa ocidental por quase um século – entre meados do XVIII e meados do XIX - como que exilados no leste europeu, em face das perseguições a eles dirigidas, por parte de reinos como Portugal, França e Espanha? Ao lado dos frades capuchinhos, nos dois primeiros séculos da colonização, praticaram essa ação missionária por onde passaram, até meados do século XVIII.

As lições de cristianismo continuaram sem a presença jesuítica no Brasil, sabendo-se que a expulsão desses missionários demarcou uma fase de enfraquecimento do catolicismo, entre o final do XVIII e no século XIX adentro, período em que a historiografia evidencia a sua dificuldade de organização, ainda que fosse o Brasil de então ordenado segundo o princípio paroquial. Entre a instalação da capital do Reino de Portugal no Rio de Janeiro, depois da Independência e sob o Império, o catolicismo brasileiro perdurou, entre medidas de revitalização, rupturas e descontinuidades de toda ordem que o fizeram alcançar a república, após longo período de arranjos de recomposição, em meio a debates ideológicos com grupos alinhados com as ideias iluministas, positivistas e republicanas.

Ralph Della Cava (2014), analisando os dilemas religiosos do Juazeiro do Norte, no século XIX, traz a questão católica, nos seguintes termos.

Também no Cariri, como em quase todo o resto do Brasil, nos anos que antecederam a década de 1860, estava o catolicismo ortodoxo em estado de decomposição. O número de padres era inadequado, e grassava a imoralidade clerical. George Gardner, viajante inglês que visitou o Crato em 1838, ficou chocado com o número de padres que tinham amantes e filhos ilegítimos, os quais eram exibidos, sem pudor, em público. Até as igrejas, os santuários e os cemitérios careciam de reparos materiais; e o costume imperial de realizar eleições no recinto das igrejas acarretava, muitas vezes, profanação e destruição daqueles locais, na medida em que os inimigos políticos armados se digladiavam dentro dos santuários em dias de eleições. (DELLA CAVA, 2014, p. 61)

Todavia, nesse longo período que vai do século XVI ao XIX, um conjunto de práticas culturais católicas foram difundidas e inculcadas por missões instaladas no território conquistado pelos colonizadores e seus missionários. Missões, pregações, retiros, orações, confissões, missas, procissões, festas de padroeiros, ornamentos, objetos sagrados, capelas, igrejas, confrarias, irmandades, devoção à Santa Cruz, ao Sagrado Coração de Jesus; sem falar na moralidade pública e amparo aos necessitados, a mulheres e órfãs, afã civilizador cristão por onde passam. Um conjunto de símbolos e práticas foram difundidos e compartilhados por meio da ação missionária em nome da expansão do cristianismo. A cruz, diz Serafim Leite, dava início à catequese, erguida em algum sítio representava um “ato de posse” da terra para Cristo. Cruzes eram erguidas pelos

Jesuítas em toda parte, para lembrar e simbolizar o sacrifício de Cristo para a salvação da pecadora, descaída do paraíso desde Adão e Eva, para sempre sofrida humanidade.

Pregadores e Missionários no Nordeste do século XIX: o Padre Ibiapina

A situação do catolicismo no século XIX, regulado pelo regime do padroado, que transformara padres em funcionários públicos de olho em promoções e benefícios de carreira, terá gerado o enfraquecimento da Igreja e a falta de padres pregadores. A condição de segregação econômica do Nordeste, com o colapso da economia do açúcar e corrida para o Ouro das Minas Gerais, seguida da fuga episódica de sertanejos para o algodão e a borracha. A instabilidade advinda da independência e de tantas lutas políticas e sociais que caracterizam esse século de mudanças intensas, de fim do regime colonial e montagem do Império. A ocorrência de secas e epidemias terríveis. A sensação de falta de direção para um contingente populacional híbrido e hierarquizado, composto por índios, escravos libertos, caboclos livres e empobrecidos, a transitar em espaços imensos, entre cercados e desertos, feitos navegantes da áspera caatinga, sem âncora, nem porto seguro.

Para os historiadores que se ocupam com esse período, um conjunto de fatores vai abrindo espaço para iniciativas isoladas de leigos e emergência de lideranças carismáticas, que atraem olhares do povo rural desacreditado de padres imersos em moralidade inversa à apregoada pelo catolicismo; assim, “no Nordeste rural, dois nomes impunham-se à admiração popular, sob esse aspecto, empolgando o início da primeira metade e o meado do século; Frei Vitale da Frascarolo (1780 – 1820) e o padre José Maria Ibiapina (1806 – 1883).” (MELLO, 2014, p. 44). Afirma ainda este historiador, na mesma página, que o frade italiano ficaria inscrito na memória dos sertanejos por sua ardente pregação mística, em defesa da retidão moral, do desapego a bens materiais e do fim do mundo.

A vida do cearense, Padre Ibiapina - estudada em profundidade por Maria das Graças de Loiola Madeira (2008) - se passou entre perdas e disputas, conflitos e perseguições, desilusões e abandonos. Até decidir-se pela vida de missionário católico, ele viveu muitas outras experiências, como a de ser juiz e deputado. Para abrir suas Casas de Caridade - se ocupar com a construção de capelas, cemitérios, pontes, açudes, cidades - Ibiapina precisou chegar perto dos 50 anos de idade. A cada experiência e decepção sofrida, ele ia se fechando em meditação espiritualizada e se internando sertão adentro para que dali nascesse uma conversão, uma vocação religiosa, uma fervorosa disposição caritativa.

O meio social onde viveu Ibiapina era pródigo em dificuldades e faltas, pobreza e doença, secas e mortes, assassinatos e vinganças, injustiças e malfeitos. Qual foi a sua formação, como cristão? Quem lhe ensinou o catecismo, que livros leu para entender o cristianismo? Ele viveu no Ceará, migrou para Pernambuco, onde esteve por muito tempo, conviveu com Capuchinhos, pois morou perto deles no Recife, frequentando a capela onde faziam suas missas e conclamavam as pessoas às orações piedosas. Com quem ele terá aprendido a pregar em nome de Cristo? Que ambiente era aquele onde nasceu, estudou, se tornou um adulto, envelheceu?

A Pregação e a “Companhia do Bom Jesus” de Antônio Conselheiro

Antônio Conselheiro teve, igualmente a Ibiapina, uma infância imersa em religiosidade cristã, literatura medieval e culto aos livros, conforme podemos ler na caracterização de um dos seus intérpretes, apoiado em alguns dos seus biógrafos.

Os raros escritores que dele se ocuparam, deram-no como uma criança tímida e boa, levando uma existência normal, a devorar o *Lunário Perpétuo*, aventuras de cavaleiros medievais e textos religiosos, as guerras do Imperador Carlos Magno e os *Doze Pares de França*, a *Princesa Magalona* e as lições do catecismo católico. (MACÊDO, 1969, p. 101)

O citado autor prossegue, rastreando a vida do profeta de Canudos, destacando que a obra, *A Missão Abreviada*, “Ihe era familiar desde criança” (Idem), em linguagem entremeada de pecados e demônios, a certeza da morte e dos mortos com seus jazigos e prova do caráter provisório da vida humana.

A literatura especializada atesta a influência que Antônio Conselheiro recebeu do seu conterrâneo, Padre José Antônio Ibiapina, a quem conheceu como vivente do Ceará. Conviveu com ele, em alguns momentos de sua vida, em Quixeramobim, quando Ibiapina juiz intercedeu a favor de sua família numa disputa local; ao tempo de sua passagem por Sobral/Ipu, depois no sul do Ceará, na região do Cariri, quando das andanças do missionário Ibiapina, em defesa de suas casas de caridades.

Um dos biógrafos de Ibiapina, o padre Francisco Sadoc de Araújo (1996) enfatiza, por sua vez, a influência que Ibiapina sofreu da “espiritualidade franciscana”, por meio do convívio mais estreito que teve com essa irmandade, no tempo em que morou no Recife. Apresenta testemunho de quem o assistiu em suas pregações missionárias, onde é dito que “quando eu ouvia-o pregar, parecia-me que estava ouvindo o (jesuíta) Padre Antônio Vieira, porque ele tinha belos rasgos de eloquência e tinha o dom de saber ornar bem os seus sermões. E na sua prática, parecia que eu estava vendo outro São Francisco de Paulo.” (ARAUJO, 1996, p. 355)

Afirma Francisco Sadoc de Araújo, que o Antônio Conselheiro ouviu as pregações de Ibiapina, as quais revelavam um orador encantador para os que o escutavam em seus ensinamentos cristãos de moralidade privada e pública. Antes de Sadoc, um outro autor, Edmundo Muniz, afirma “a grande influência” que o Padre Ibiapina terá exercido sobre Conselheiro, pois,

(...) Antônio Maciel conheceu o Padre Ibiapina no auge de sua glória e teve oportunidade de trocar ideias com ele e de ouvir as suas audaciosas pregações. Durante algum tempo seguiu-o como discípulo, tomando-o como exemplo à sua vida apostolar. Pode-se dizer que o padre Ibiapina foi o precursor de Antônio Conselheiro. (MUNIZ, 1978, p. 21)

Marco Antônio Villa nos oferece este outro relato:

Em 1872, começa a pregar no sertão pernambucano, após se encontrar no sul do Ceará com o padre Ibiapina. Leva uma vida ascética, não come carne; das esmolas que recebe só aceita o necessário para a sua subsistência. Começa a arregimentar os primeiros adeptos, que passam a segui-lo e logo encontra a resistência dos padres, alarmados com a influência exercida por ele sobre os fiéis. (VILLA, 1992, p.)

Pelo visto, os dois leram mais ou menos as mesmas fontes cristãs. Artigo de Fernando Câmara sobre Antônio Conselheiro, publicado na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, em 1993, afirma que “a leitura sempre foi um dos seus passatempos preferidos e entre os livros que gostava figurariam: *Lunário Perpétuo*, *Princesa Malagona*, *As Guerras do Imperador Carlos Magno*, *Horas Marianas*, e outros de cunho religioso que

circulavam em nossos sertões.” (Idem, p. 33). Tais leituras eram comuns aos cristãos do século XIX que vivessem em cidades e fazendas sertanejas. Ao lado desses livros, o autor destaca “Missão Abreviada”, de autoria do Padre Gonçalo Couto, publicado em 1867, que assim caracteriza.

[...] uma coletânea de meditações e instruções extraídas dos evangelhos, principalmente da paixão de Cristo, acompanhada de um resumo da vida de alguns santos. Esta obra teria mais tarde grande repercussão em sua vida e dela Antônio Conselheiro se serviria para as suas prédicas em sua peregrinação pelo Nordeste brasileiro. (CÂMARA, 1993, p. 34).

Teria sido este o livro que Antônio Conselheiro usou para escrever o seu manuscrito, com passagens bíblicas e ensinamentos cristãos, as quais anotou em seu caderno, como fonte de consulta e inspiração para as suas andanças e pregações, com letra perfeita de homem letrado, que sabia o valor da escrita para o raciocínio e o planejamento de suas ações, quando também se tornou um missionário e pregador.

Seus sermões, pronunciados em plataformas improvisadas cobertas por um toldo de folhagens, normalmente em praça pública, misturavam citações em latim e excertos das Horas Marianas e da Missão Abreviada, o livro de orações mais usado no século XIX pelos leigos que se passavam por missionários católicos. (LEVINE, 1995, p. 193)

Este autor reúne evidências e testemunhos sobre o impacto que as pregações de Conselheiro tinham sobre os que o escutavam, assegurando que, “os habitantes do sertão achavam-no um orador fascinante, possuidor de uma voz sonora, que ele projetava em cadências ritmadas.” (Idem, p. 198) Levine diz que houve quem, ao ouvi-lo, se sentisse a levitar, pois “parecia inté que a gente tava em riba das nuve (voano pro céu), segundo Dona Evangelina” (...), conforme localizou em fontes por ele consultadas.

A historiografia mostra o percurso de vida de Antônio Conselheiro, vista por vários autores e por ele próprio, como intenta mostrar Pedro Vasconcelos Lima (2017), que o motivou a ser pregador. O que fez após tantas agruras e decepções que enfrentou em sua vida familiar, de órfão de mãe e de pai, de casado traído pela esposa, de comerciante endividado, de professor de primeiras letras pelas fazendas, de andarilho fugitivo, de prisioneiro acusado por crimes que não cometeu. Era letrado, tinha linda escrita e impressionante oratória. A citação a seguir traz descrição dele, baseada em dito de um oficial militar que conheceu o Conselheiro em Canudos:

[...] o seu carisma de homem superior, como o definiu Dantas Barreto, de quem vamos buscar ainda expressões de admiração acerca de “vistas penetrantes” de que dispunha o beato, assim como sobre sua palavra de pregador, definida pelo cronista militar como “insinuante, persuasiva, tocante e calorosa [...]”. (CAMARA, Op. Cit., p. 84)

O historiador prossegue falando de sua capacidade de pregação de cunho político contra impostos da república, de sua escolha bem pensada do local adequado para edificar o Arraial do Bom Jesus, fazendo dele em quatro anos a segunda cidade maior da Bahia, ação precedida de sua “ação civilizadora”, por diversas localidades baianas, onde andou construindo, por meio de “mutirões sacros”, açudes, cemitérios, capelas e igrejas. Fez Conselheiro, como fizera Ibiapina pelos sertões nordestinos.

No livro “A Campanha de Canudos”, Aristides Milton, em testemunho da famosa Guerra, publicado em 1897, e republicado pela Editora do Senado, em 2003, encontramos o relato do Frei João Evangelista de Monte Marciano, que esteve com Antônio Conselheiro em missão a mando da Igreja da Bahia para convencer os seus seguidores a

voltarem para suas localidades de origem, em momento anterior à deflagração da guerra da república contra Canudos.

É o Frei João que dá notícia que pensou ter encontrado em Canudos, uma “legião por eles intitulada de Companhia do Bom Jesus”, a qual considera ser mais do que “um foco de superstição e fanatismo”, ou ainda algo maior do que “um pequeno cisma da Igreja baiana, por considerar o Arraial “um núcleo perigoso e funesto de resistência e hostilidade ao governo instituído.” (Idem, p. 36).

Estamos diante de uma das denominações dadas aos seguidores e protetores de Conselheiro, que os vincula curiosamente à Companhia de (do Bom) Jesus. Dá ao movimento liderado por Conselheiro um caráter missionário, apostólico e militar de cruzados, carregando assim o termo, tanto de elementos primitivos que o aproximam dos pregadores de Jesus, quanto de soldados das cruzadas medievais e de missionários modernos como os Jesuítas, organizados como milícia, e guiados por um projeto calculado que alia razão e fé.

Nesse sentido, podemos ver Conselheiro como um missionário herdeiro de uma cultura cristã milenar de várias épocas e extrações, e Canudos como aldeia-cidade-reduto-comunidade cristã, que recebe experiências também de várias datações da história do cristianismo em sua utopia redentora de criação de um lugar alternativo aos que existem, onde o cristianismo é vivido em sua radicalidade.

O cristianismo de Ibiapina e Conselheiro é vivenciado em sua radicalidade caritativa, apregoando e sendo coerente com a pregação de vida, baseada nos ensinamentos de Cristo e São Francisco de Assis. O século XIX vivido por eles, no sofrido ambiente sertanejo do nordeste brasileiro entregue à própria sorte, criara neles, assim como nos seus adeptos e seguidores, uma disposição de luta em defesa da vida fraterna, comunitária, longe das paixões mundanas, ligada à oração, à conversação cotidiana com o seu Redentor, para purgar a humanidade dos seus pecados e fraquezas, dores e sofrimentos sem fim, único caminho que supunham os levaria todos à salvação.

Nas comunidades rurais, eram comuns e normais as figuras dos beatos, dos monges e dos conselheiros. Por longos anos, o Clero manteve contato semi-oficial com esse “exército religioso-laico”. O apoio e a formação de atividades religiosas informais ocorriam direta e indiretamente. Sacerdotes cediam os púlpitos para beatos e conselheiros e alguns chegavam a incentivar, com exemplos, tais formas de vida. (MACEDO; MAESTRI, 1997, p.17)

Os sertões eram, portanto, povoados de mestres a ensinar as primeiras letras do catecismo, viveiros de pregadores leigos. Nada do que Ibiapina e Conselheiro tenham feito em prol da construção de lugares de refúgio e isolamento cristão – Casas de Caridade e Comunidade de Canudos – assim como o Padre Cícero Romão, ao criar a cidade do Joazeiro no Cariri cearense - deixa de ter parte com essa cultura cristã mais ampla, ligada à história de sua formação como religião e dos seus pregadores. São ações que envolvem o longo e milenar aprendizado da doutrina, mas também das ações que a tornam capaz de ser vivida aqui mesmo, como Reino aprendido com os ensinamentos de Cristo, onde será possível a preparação para a vida eterna que a todos aguardaria depois da morte.

O mesmo poderá ser dito dos seus seguidores. Nem incultos, nem fanáticos, estamos diante de adeptos de um cristianismo milenar, numa terra colonizada pela espada da Coroa portuguesa e da União Ibérica, da cruz missionária católica. Que fertiliza um tipo de cristianismo, ora controlado por padres, ora largado aos leigos, que o aprendem atentos aos desafios e necessidades postas pelo meio árido que habitam. Este ambiente natural e societário cria expectativas nos seus fiéis sertanejos, em face das promessas inscritas na palavra milenar de Cristo, que está disposto a dar provas materiais de sua

capacidade de oferecer uma vida bem melhor aos seus fiéis do que aquela que lhes oferecem outros credos, em especial, aqueles que colocam a cobiça por riquezas jamais partilhadas acima do bem comum; que desvinculam a existência humana do exemplo de e desígnio de Cristo como salvador supremo da humanidade.

Meditações e instruções extraídas dos evangelhos

No estudo de Mello (2014), já citado, há indicação sobre o livro *Missão Abreviada*, do padre oratoriano, Manoel Jose Gonçalves Couto - que teria missionado em Goa, na Índia – o qual circula pelos sertões nordestinos, sendo utilizado por letrados para suprir a falta de padres e templos para servir ao estudo e prática dos ensinamentos em Cristo.

Trata-se de um livro feito de passagens do evangelho, com orações fortes e tom de oralidade, que, segundo Mello, ajuda a qualquer cristão a fazer orações públicas, em tom apelativo à conversão, a seguir o exemplo de Cristo, em tratar da salvação. O historiador traz referências de um exemplar por ele encontrado: “[...] a folha de rosto da quinta edição, de 1867, dá-nos ainda a fonte editorial: Tipografia de Sebastião José Pereira, Rua da Almada, nº 641, Porto, Portugal, sustentado dispor a obra de licença do Bispado da diocese. [...]”. (Idem, p. 162).

Esse livro notabiliza-se pelo teor apocalíptico e terrível com que trata as questões da fé, buscando infundir verdadeiro terror nos fiéis. A presença sinistra do diabo permeia toda a obra, fazendo o crente “rústico” do sertão perceber a existência do demônio por toda parte. Assim é que o próprio Antônio Conselheiro, que conhecia bem a missão, um dia encerrou uma pregação, excessiva de formiga no local – formigas que ele considerou demônios. Após a Guerra de Canudos, a *Missão Abreviada* foi considerada pelo Clero baiano um livro tão explosivo que a sua circulação e uso foram proibidos pelo arcebispo D. Jerônimo Tomé e Silva, o segundo arcebispo do período republicano na Bahia (1893-1924). (DOBROKURA, 1997, p.79)

Este Breviário terá influenciado sobremaneira Conselheiro em suas pregações, a ponto de ele providenciar cópia manuscrita encontrada por militares em Canudos, depois da destruição da cidade santa por ele criada, em regime de “mutirão sagrado” com seus milhares de seguidores. Numa outra fonte consultada - coletânea organizada por Maria das Graças Loiola Madeira e Wilson Sampaio (2011) – encontramos a seguinte caracterização das pregações de Conselheiro:

O discurso de Conselheiro está matizado no catolicismo tradicional, inspirado nas andanças dos missionários e suas “santas missões”. O profetismo ancorado na monarquia divina e no anseio de salvação, é o traço essencial de sua visão de mundo. A leitura do Antigo e Novo Testamento, a preservação dos Sacramentos e dos 10 mandamentos, além da observância das obrigações religiosas constituem elementos da prática moral-religiosa do peregrino. (MADEIRA; SAMPAIO, p. 103)

Entre conservador e revolucionário, sua pregação missionária será vista, no entanto, pelas autoridades oficiais como radical. Será essa radicalidade, portanto, entendida como desafio à Igreja e à República, ambas caracterizadas à época por seu elitismo e afastamento abissal do ideal de justiça que tanto o cristianismo originário, quanto o iluminismo republicano apresentavam em suas pregações religiosas e laicas.

O mesmo temor e ódio que recaiu sobre Jesus Cristo, por parte do exército romano, se abateria sobre o pregador e edificador de Canudos, dessa feita, por parte do exército brasileiro.

Considerações Finais

A cultura cristã que fundamentou a ação de Antônio Conselheiro foi largamente difundida pelo processo de colonização portuguesa, através da ação missionária de congregações religiosas católicas, entre os séculos XVI e XVIII, no embate com religiões nativas e africanas que modelam formas diferenciadas de culto a Jesus Cristo e seus seguidores santificados. Estamos falando de uma religião milenar que tem sobrevivido ao tempo e a muitas mudanças de ordenamento político e econômico do mundo, em escala global, convivendo com outras religiões e o império das ciências e tecnologias da modernidade, sendo submetida a provações e interpretações variadas.

No Brasil do século XIX e XX, esse cristianismo tem sua versão popular, espalhada pelos sertões nordestinos, que serve de guia a ações individuais e coletivas, alimenta devoções e revoltas, ajuntando gente em romarias imensas em torno de milagres e orações. Dando, sobretudo, um programa de ordenamento do mundo que promete operar a justiça, a igualdade entre os povos e a salvação dos homens.

Essa cultura tem existência própria, à revelia de Igrejas e governantes, continua a correr pelo leito do rio São Francisco, a enfrentar estiagens prolongadas e adversidades políticas e sociais de toda sorte. Em cidades sagradas como Juazeiro do Norte, esse cristianismo popular não só sobrevive, como parece existir no mundo subterrâneo que perpassa os seus esgotos correndo a céu aberto, as suas ruas estreitas e tomadas de comércio, multidões e carros, governadas para o mundo das maravilhas capitalistas e suas violências todas.

Os beatos e beatas do Juazeiro, por exemplo, seguem Jesus Cristo encarnado no Padre Cícero Romão, a quem cultuam nos altares de suas casas e procissões pela cidade santa, em cultos de irmandades e burburinho das romarias incessantes, que trazem e levam os pagadores de promessa e levam seguidores das promessas de vida em regime de comunhão e fraternidade. Há um exército desses fieis a defender esse programa e ideal de mundo. Acreditam ser Juazeiro uma Nova Jerusalém.

Comentando o teor dos manuscritos de Antônio Conselheiro, a que chama de “breviário privado”, em ensaio publicado pela Record Editora, no Rio de Janeiro, no ano de 1969, sob o título, Antônio Conselheiro – A morte em vida do beato de Canudos - Nertan Macêdo chama atenção para a letra fina e firme com que ele “costumava encher páginas e páginas de profecias, pensamentos, orações, não raro copiadas da Missão Abreviada e das Horas Marianas” (MACÊDO, 1969, p. 142). Destaca a sua mensagem de despedida do mundo, em que longe de nomear pessoas, Conselheiro adota uma escrita de “marca impessoal e inumana”:

Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos” e mais nada. Despediu-se unicamente da natureza fundada pelo sopro divino. Pobre Antônio! Entoando benditos e carregando pedras e tábuas para a construção de oratórios e cemitérios do sertão, jamais adivinharia que tantos doutores da literatura e da ciência viessem, um dia, a se preocupar com ele... (Idem, p. 147)

Nesse sentido e no outro, onde está posta uma memória social cristã sertaneja ainda pujante, podemos dizer que Antônio Conselheiro e Canudos vivem, suas pregações são

renovadas dia a dia pelos romeiros de Juazeiro do Padre Cícero. Assim, sobreviveram ambos às perseguições e perversidades que lhes foram dirigidas.

Referências

- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. São Paulo, Paulinas, 1996.
- BANGERT, William. *História da Companhia de Jesus*. Porto, Livraria A. I.; São Paulo, Edições Loyola, 1985.
- BORG, Marcus J. *Jesus: a biografia de um homem que nasceu jurado de morte, revolucionou o mundo com suas ideias, foi perseguido, crucificado e retornou dos mortos para se tornar a pessoa mais importante da História*. Tradução Aline Azuma. São Paulo, Globo Livros, 2017.
- CÂMARA, Fernando. *Antônio Conselheiro e o Centenário de Canudos*. In: Revista do Instituto Histórico do Ceará, em 1993.
- COUTO, Jorge. *Estratégias e Métodos de Missionaçãõ dos Jesuítas do Brasil*. In: A Companhia de Jesus e a Missionaçãõ no Oriente – Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria. Lisboa, 21 a 23 de abril de 1997. Lisboa, Brotéria – Fundação Oriente, 2000.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014. 497 p.
- DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro – o beato endiabrado de Canudos*. Rio de Janeiro, Diadorim Editora, 1997. 236 p.
- DUNN, James D. G. *Jesus, Paulo e os Evangelhos*. Petrópolis, Editora Vozes, 2017.
- LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas: 2. O Regresso*. Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, INL/ Livraria Civilização Brasileira/ Lisboa, Livraria Portugalíã, 2004.
- LEVINE, Robert M. *O Sertão Prometido – O Massacre de Canudos*. São Paulo, EDUSP, 1995, 392 p.
- MACÊDO, Nertan. *Antônio Conselheiro – a morte em vida do beato de Canudos*. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1969, 181 p.
- MACEDO, Rivair; MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história da guerra de Canudos*. São Paulo, Moderna, 1997 (Coleção Polêmica), 1997, 127 p.
- MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *A Pedagogia Feminina das Casas de Caridade do Padre Ibiapina*. Fortaleza, Edições UFC, 2008.
- MADEIRA, Maria das Graças de Loyola; SAMPAIO, Wilson (Org.). *Missionários e Beatos nos Sertões nordestinos; ações socializadoras e formativas (séculos XVII a XX)*. Maceió, UFAL, 2011.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol - o banditismo no nordeste do Brasil*. Recife, FUNDAJ Editora Massagano, 1985, 310 p.
- _____. *Guerra Total de Canudos*. São Paulo, Escrituras Editora, 2014. 359 p.
- MILTON, Aristides. *A Campanha de Canudos*. Brasília, Editora do Senado Federal, 2003.
- MUNIZ, Edmundo. *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- PINA, Isabel. *Jesuítas Chineses e mestiços da Missão da China (1589 – 1689)*. Lisboa, CCCM, LP, 2011.
- RAUB, Rita. *Die Geschichte der Jesuiten*. Darmstadt, WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), 2007.

- SAMPAIO NETO, José Augusto Vaz e outros. *Canudos – Subsídios para a sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. 548 p.
- VASCONCELLOS, Pedro Lima (Org.). Antônio Vicente Mendes Maciel. *Antônio Conselheiro Por Ele Mesmo*. São Paulo, Editora: É Realizações, 2017. 761 páginas (2 volumes)
- VILLA, Marco António. *Canudos – O Campo em Chamas*. São Paulo, Brasiliense, 1992.